



A complexa convivência humana e os processos educativos libertadores

The human coexistence and the process of the liberating education.

Sergio Rogério Azevedo Junqueira*

Terezinha Sueli de Jesus Rocha**

Resumo

Este artigo objetiva traçar o itinerário da educação libertadora na realidade social brasileira e refletir sobre a necessidade de se repensar a ação dessa modalidade de educação nos dias atuais. Ao se articular a realidade da época do surgimento da educação libertadora, que pretendia responder aos apelos de libertação dos povos Latino-Americanos, com a realidade dos tempos atuais e suas implicações, este artigo busca respostas às questões postas por essa educação libertadora na atualidade. Para abordar as funções do processo educativo dentro do contexto de uma sociedade, é preciso situar as abordagens em sua realidade, contemporizando e adequando as suas ações. Essa temática representa um grande desafio, pois a concepção libertadora de educação extrapola os ambientes acadêmicos, visando sobretudo o bem comum do ser humano e o seu pleno desenvolvimento. Para a realização deste trabalho foram realizadas pesquisas bibliográficas e estudo da realidade desta época informatizada em que estamos inseridos, assim como suas consequências.

Palavras-chave: Conscientização. Emancipação. Informatização. Educação Libertadora.

Abstract

This article aims to trace the route of liberating education in Brazilian social reality and reflect on the need to rethink the action of this type of education these days. In order to articulate the onset of liberating education that intended to respond to calls for liberation of Latin American peoples with the reality of the present time and its implications, this article seeks to answer to the questions posed by this liberating education today. To address the functions of the educational process within the context of a society, one must situate the approaches in their reality, compromising and adapting their actions. This theme represents a great challenge because the conception of such liberating education goes beyond the academic environments, seeking above all, the common good of the human being and its full development. The methodology used in this paper consisted of bibliographical research and a study of the reality of this computerized era in which we operate.

Keywords: Awareness Empowerment. Information Technology. Liberating Education.

Artigo recebido em 25 de dezembro de 2012 e aprovado em 08 de março de 2012.

* Doutor em Educação e pesquisador na área de Ensino Religioso. Professor Titular do Programa de Teologia da PUC Paraná e do Curso de Pedagogia. País de origem: Brasil. E-mail: srjunq@gmail.com.

** Mestre em Teologia pela PUC Paraná. País de origem: Brasil. E-mail: terezinhasuelirocha@yahoo.com.br.

Introdução

A sociedade atual está exigindo posicionamentos diferenciados em relação aos mais diversos aspectos, especialmente aos aspectos educacionais. A humanidade vive hoje a era dos *tablets*, *laptops*, *celulares e computadores*, processos avançados da informatização e da informação criando redes sociais que transformam expressivamente as relações entre os seres humanos. Pensar em rede é um dos meios mais modernos de se criar conhecimentos e articulá-los no cotidiano, facilitando as relações sociais. Esses avanços tecnológicos em geral colocam a sociedade em alerta constante, com as novidades que chegam a cada instante impactando a vida de um grande número de pessoas e exigindo sua constante atualização.

O domínio tecnológico constituído pelas ações e instituições cresceu enormemente e expandiu-se superando o conhecimento e a cultura tecnológica, assumindo, assim, função de grande importância no que se refere à estrutura e organização da sociedade. Libânio define tal situação, extremamente avançada, da seguinte forma: “Todos os desejos se tornam possíveis pela magia da tecnologia. Não se precisa criar nenhuma alternativa quando o presente enche todas as medidas dos sonhos.” (LIBÂNIO, 2003, p. 31). Esta é a realidade dos tempos atuais, que desafia educadores e famílias no sentido de discernir quais passos devem ser tomados em vista do bem maior para a humanidade.

Na década de 1950, surgiu com George Friedman, a expressão: *escola paralela*. Este sociólogo francês concebeu a expressão como sendo o conjunto das informações e mensagens cognitivas, proporcionadas pelos meios de comunicação de massa. Na época, a *escola paralela*¹ acontecia através do cinema, rádio, televisão, livros, discos, desenhos animados e imprensa em geral. Hoje os avanços tecnológicos proporcionam, para toda a humanidade, a vida em tempo real. Essa

¹ Escola paralela termo criado por George Friedman, em 1950, para designar as diversas formas e situações de aprendizagens proporcionadas pelas inúmeras informações advindas dos diversos meios de comunicação existentes.

realidade extraescolar, extraeducacional e muitas vezes extraoficial, a *escola paralela*, produz mudanças pontuais na atualidade e, o mais preocupante, promove verdadeiras mutações afetando a essência dos mecanismos de percepção e conhecimento, assim como também chega a afetar diretamente as relações humanas. Tudo isso constitui um grande desafio à cultura e à estrutura educacional, especialmente quando se luta pela liberdade e dignidade da vida dos seres humanos.

Em diversos eventos sobre o modelo de educação melhor apropriado para o século XXI, são constantes os temas educacionais e a reflexão sobre a pressão dos problemas a partir do ajuste econômico e as características do novo patamar de exigência no mercado de trabalho em relação à escolaridade e à versatilidade humana. Portanto para o próximo século, há maior probabilidade de ser exigido, além de todas as outras habilidades já conhecidas, o desenvolvimento da capacidade de estabelecer relações, a aquisição de habilidade no uso dos recursos tecnológicos, a utilização do conhecimento especificamente científico, a conquista do agir de forma autônoma e o exercício do pensamento crítico e reflexivo em cada situação.

O ambiente escolar e educacional é a realidade que passa a ser somente uma das muitas fontes de transmissão do conhecimento científico. As outras fontes estão à disposição, no universo de situações existentes e na experiência individual, que ganha proporções de acordo com a maturidade, pois quando tudo ganha espaço na sociedade, o ser humano necessita inferir e raciocinar logicamente, a fim de agir com coerência, ética, segurança e competência.

Quanto mais se articula o conhecimento frente ao mundo, mais se encontram grupos que se sentem desafiados a buscar respostas e, quanto mais desafiados, mais são alertados pela consciência crítica e transformadora frente à realidade. Partindo-se dessas perspectivas, pretende-se com este artigo, provocar

certa inquietação em torno de ações educativas na sociedade deste século. No processo de libertação do ser humano através da prática educativa, reconhecem-se os fatores de interferência e também as contribuições existentes na caminhada, facilitando o alcance da plenitude do ser e fazendo acontecer a educação verdadeiramente libertadora.

1 Fatores de interferência nos processos educativos libertadores

Ao se fazer uma análise dos processos educativos, abordando a história da educação libertadora no Brasil e também na América Latina, percebe-se a grande influência de uma série de fatores que interferem nessa caminhada e mostram a existência de proposições e postulados teóricos emergentes, delimitando o conceito de educação. No geral, o conceito de educação pressupõe a relação da pessoa consigo mesma e com os outros buscando o crescimento em todos os aspectos da sua vida e da vida dos outros cidadãos. Nessa busca está presente também a consciência do aspecto da transcendência que na liberdade, pressupõe a responsabilidade pessoal e comunitária.

A educação, sendo entendida como o esforço das pessoas em vista da conquista de sua humanidade, retoma a questão de como pensar o processo de libertação na sociedade atual. Colocada essa questão na perspectiva de detectar possibilidades existentes no real processo de libertação, pergunta-se, que instrumental teórico possibilitaria a compreensão da sociedade atual com possibilidades de uma práxis libertadora e emancipatória? Dalmo Dallari escrevendo sobre a caminhada histórica da convivência humana afirma que: “tem havido uma complexidade crescente da vida social. A convivência humana se tornou complexa, porque o próprio ser humano complicou essa convivência. Progressos, conquistas e avanços tecnológicos acabaram se convertendo em fatores de dependência.” (DALLARI, 1989, p. 75). O que seria um salto de qualidade para

a vida da humanidade, acaba desvirtuando o seu objetivo. O que fazer para mudar essa situação?

Um dos maiores desafios da educação libertadora continua sendo o de trabalhar na elaboração de propostas em que se levem em conta os aspectos da crítica reflexiva, preparando para o enfrentamento da desigualdade social, marcadamente presente na sociedade. Quando se manifesta a dimensão cultural da educação, valorizando a consciência de cidadania e a transformação social, torna-se possível visualizar processos educativos e práticas educacionais em busca da autêntica libertação. A ação educativa libertadora mantém uma relação de troca horizontal, cujo objetivo é aprofundar conhecimentos com a finalidade de intervir nos acontecimentos, em benefício da humanidade, através da transformação da realidade. Essas mudanças e transformações, quando realizadas de forma socializada e consciente, integram-se na vida das pessoas evidenciando a importância dos processos formativos eficazes e, conseqüentemente, aparecem os resultados proporcionados pelo comprometimento necessário, fruto da consciência de cidadania.

Na história de uma nação ou de um continente, ficam sempre as marcas da situação anterior enquanto são construídas as marcas da situação atual. A educação fazendo parte intrínseca da sociedade assume também as conseqüências de todas as transformações sociais. A situação histórica vivida na América Latina “levou os teóricos da educação, em nosso continente, a repensar a partir de nossa situação epocal, a temática fundamental das teorias humanistas - Kant, Hegel, Humboldt - da educação na modernidade: a emancipação humana.” (OLIVEIRA, 1989, p. 15). Portanto, a educação sempre mereceu um pensar diferente por ser, fundamentalmente, um processo em direção à liberdade, ao crescimento, à autonomia, à emancipação e à conscientização com o objetivo da transformação.

A educação libertadora possibilita a tomada de consciência da situação social e procura dar condições de atuação transformadora dentro da realidade. O objetivo dessa forma de educar é fazer com que cada pessoa se torne sujeito do próprio processo e seja responsável pelas ações e determinações da sua caminhada tanto individual, quanto comunitária. Portanto, são necessárias inovações por meio de ferramentas pedagógicas, no trato da dimensão cultural no fazer pedagógico, buscando a reflexão sobre as constantes transformações, sabendo-se preservar as identidades em um processo formativo que respeite e valorize o ser humano na sua dignidade.

Em cada época vivida na sociedade, a adequação à realidade desse momento é uma consequência inevitável, assim escreve com muita propriedade Paulo Freire: “Não é possível à sociedade revolucionária atribuir à tecnologia as mesmas finalidades que lhe eram atribuídas pela sociedade anterior. Conseqüentemente, nelas varia, igualmente, a formação dos homens.” (FREIRE, 2005. p.181). Este pensamento reforça a teoria de que a ciência e a tecnologia somente serão verdadeiramente éticas se estiverem constantemente a serviço da sociedade, em busca de sua permanente libertação e humanização. Nesse aspecto, mais uma vez, a educação libertadora tem importante papel a desempenhar junto à sociedade.

A análise crítica da realidade, juntamente com a prática democrática, propicia a constante mudança de atitude e possibilita a transformação na sociedade. Através da dimensão social e das práticas pedagógicas torna-se possível sinalizar o que contribui para o fortalecimento das ações e a valorização do processo de cidadania em vista de uma autêntica educação libertadora. A realidade de uma educação que sirva aos interesses do cidadão, capaz de transcender seu real sentido e, verdadeiramente, transforme vidas, sendo libertadora, conseqüentemente desenvolve o espírito de luta, o sentimento de esperança e promove ações de cidadania consciente.

Nesse sentido, Brighenti escreve o seguinte: “A pessoa é um ser que comporta em si mesmo um destino a uma finalidade. É o eterno do temporal, o infinito do finito, o espírito da matéria. E tudo isso por causa da liberdade que lhe é constitutiva e o torna sujeito de responsabilidades.” (BRIGHENTI, 2006, p. 160). Entendida no seu sentido dignificante e transcendental, a educação transforma-se em instrumento de crescimento pessoal e de aprendizagem para a vida.

A educação se constitui em uma das vias preferenciais de acesso à informação, informatização e autonomia e traz em si a grande responsabilidade de conscientizar e libertar, a fim de dignificar o ser humano, que no seu aspecto de transcendência estabelece relações com todo o universo. Conforme palavras de Antoncich: “a dignidade humana descansa na liberdade, que nos assemelha ao próprio Deus, pela qual a pessoa humana estabelece relações com o mundo, com os outros e com o próprio Deus.” (ANTONCICH, 1982, p. 58).

2 Contribuições da educação dentro da complexa convivência humana

É certo que a educação contribui marcadamente para a inserção social do ser humano dentro da sua realidade. É certo também que a sociedade influencia sensivelmente na vida de cada cidadão. E tanto a educação quanto a sociedade caminham lado a lado dentro da realidade, sem poder fugir nem de uma e nem de outra, muito menos dispensá-las. Portanto, é importantíssimo achar o *fio condutor* desses dois pontos fortes e assim trabalhar corretamente para o bem da humanidade. Um dos fatores que fizeram frente aos desafios educacionais durante mais de duas décadas, foi a união de duas forças: educação libertadora e planejamento participativo que deram sua grande contribuição aos processos educacionais.

A dinâmica do planejamento participativo² tem a força do enfrentamento das situações, a reflexão em cima da realidade e a busca de formas adequadas para a solução dos problemas levantados. Do início dos anos setenta até final dos anos noventa, a educação libertadora e o planejamento participativo caminharam juntos nos segmentos educacionais, por existir a convicção de ser o planejamento participativo uma das melhores formas de se vivenciar o compromisso libertador e como escreve José Comblin: “O desafio é assumir a realidade humana com toda a sua complexidade.” (COMBLIN, 2002, p. 9). Significa dizer que assumindo a realidade humana estamos assumindo o modo de sentir, de viver e de pensar dos cidadãos de hoje. Dentro do método ver julgar e agir, é possível averiguar as possibilidades e os limites da ação, dando visibilidade ao conceito de cidadania e libertação.

A realidade das desigualdades sociais do país pode ser vista não só, mas também, a partir da perspectiva da modernidade que detém o controle econômico, político e cultural e o mais grave é que mantém a situação da maioria marginalizada, sem acesso às conquistas abertas pela modernização da sociedade. Existe uma perplexidade muito grande em relação ao período de transição, inovação e transformação social. Transição que vem carregada de potencialidades positivas para a sociedade, porém caracterizadas por tensões, rupturas e quedas de valores, provocando insegurança, por se fazer presente em todas as áreas da sociedade. Outro aspecto preocupante é o de inclusive transformar a concepção de vida de muitas pessoas, que passam a viver os conceitos de uma sociedade sem solidez. Os valores se desfazem e as pessoas sobrevivem na sociedade com o sentimento de isolamento, onde o comum é deixar o outro em último plano.

Existe uma racionalidade técnica que tem a primazia sobre a relação e o universo das experiências humanas, resolve problemas sociais deixando ao ser

² No planejamento participativo há a busca de uma visão múltipla, integrada e sustentável de desenvolvimento. Cada alternativa representa um caminho possível para se chegar à situação desejada e implica outra maneira de utilizar os recursos que estão à disposição de todos. O envolvimento de cada pessoa expressando suas ideias sobre a situação desejada e como atingi-las, é de extrema importância.

humano a responsabilidade de procurar um sentido para sua vida. João Batista Libanio escreve sobre as características desta relação entre a racionalidade e as experiências humanas dizendo que a “racionalidade conflita com experiências lúdicas, estéticas, de gratuidade. Empobrece e encurta o universo das experiências humanas. Por isso, dificulta ter experiências salvíficas³ na relação com os outros, com a natureza, com a história.” (LIBANIO, 2005, p 124). Nesse sentido fica obscurecida a relação que se fundamenta na gratuidade e na acolhida. O isolamento toma conta das pessoas e vai aprofundando até tornar-se uma situação quase normal. A solidariedade não é comum entre as pessoas e acaba ficando muito distante das posturas e atitudes, “a teoria crítica tenta mostrar que a maior crise da sociedade ocidental, capitalista e socialista, lhe vem da relação de dominação das ações teleológicas sobre as ações comunicativas, domínios dos subsistemas econômicos e políticos sobre o ‘mundo de vida’”. (LIBANIO, 2005, p 124). Na verdade, a intercomunicação passa a ser uma ação subordinada a orientações com finalidades previamente definidas.

Portanto, o final do século XX se desenvolveu de forma fantástica nas áreas tecnológicas e eletrônicas, porém deixou enfraquecida as áreas humanas e solidárias. As intercomunicações, as informações e a informatização, a biotecnologia, o domínio da energia, os novos materiais, com suas regras que visam a dominar os fenômenos físicos enquanto ficam à deriva ações comunicativas referentes à vida humana, ao mundo da vida. Interessante seria que a sociedade como um todo, em face dessas dificuldades, pudesse construir novas formas de relações mais verdadeiras, mais solidárias, mais participativas e de maior qualidade, no sentido da fraternidade. Seriam, estes, fatores educacionais de grande importância para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Considera-se importante, também, a conscientização nos meios em que se encontram pessoas de influência, os formadores de opinião, que sendo

³ O termo salvífico designa a missão do Cristo enquanto Redentor da humanidade. O mistério salvífico de Cristo, desdobrado na fragilidade humana, culmina como fonte redentora e salvífica para a humanidade.

multiplicadores dos ideais da verdade, da fraternidade, da solidariedade e da liberdade, motivam a mudança de atitudes capazes de transformar a sociedade. Segundo as palavras de Barbosa o movimento de: “transformação cultural é provocado pela consciência crítica das pessoas, conferindo-lhes uma capacidade de desvelamento da realidade social, que é resultado da intervenção e criatividade.” (BARBOSA, 2005, p. 69). Essa capacidade de desvelamento da realidade social torna possível a transformação. A educação libertadora, no seu aspecto político dentro da sociedade em conflito e no seu aspecto evangelizador, enquanto exigência de um evangelho social possibilita a conquista do poder autônomo, cultural, social, político e de cidadania. Na interação com a realidade se aprende a identificar causas de problemas sociais, identificando valores vividos pela população e buscando alternativas viáveis para cada situação.

As constantes transformações e mudanças da sociedade são provocadas particularmente pelo progresso tecnológico e pelos avanços científicos, colocando à disposição da sociedade possibilidades magníficas de ascensão em todos os aspectos. Portanto, na sociedade atual, é urgentíssimo ter presente o resgate do ser, apesar de que tudo ao redor indique a supremacia do ter. Torna-se a maior prioridade para o bem da sociedade, harmonizar as dimensões do ser, conhecer, escolher, partilhar e amar, por serem essas dimensões o reflexo da própria experiência interior e da experiência com o transcendente. Paulo Suess escreve sobre a esperança que é dom para a humanidade: “No horizonte da esperança está uma sociedade que supera a divisão de classes sociais. Essa esperança não é nossa obra, mas nosso dom.” (SUESS, 2007, p.18). Estes são alguns dos aspectos de grande responsabilidade social e educacional: provocar a manifestação da dimensão transcendente, já existente em cada ser humano e resgatar a dimensão do ser na esperança de fazer nascer a sociedade fraterna.

Uma vivência harmoniosa, a realização na convivência social, a solidariedade para com os que se encontram em situação de maior vulnerabilidade social e cultural, a promoção da vida digna, são os aspectos mais relevantes para a

defesa da dignidade humana. Nas palavras de Antoncich: “A dignidade da pessoa é inseparável de suas condições de vida. Por isso a defesa da pessoa é a defesa da vida.” (ANTONCICH, 1992, p. 87). A compreensão dos fatos da vida, suas causas e consequências, vão permitindo a apreensão da realidade em sua múltipla dimensionalidade, possibilitando a ação, a articulação e a veiculação de suas implicações. Aqui cabe a reflexão sobre a educação libertadora que concentra em sua metodologia muitas destas características e, portanto reúne grande número de quesitos para atender as demandas da sociedade moderna, atual.

A cada momento aparece na sociedade uma novidade que ganha espaço rapidamente e, se a pessoa não consegue acompanhar essa dinâmica, acaba perdendo espaço na vida do grupo social, ficando à margem dos acontecimentos advindos daí. Um dos aspectos de maior preocupação para a maioria das famílias é o fator transitório na vida atual. Tudo passa muito rápido, não há vínculos, não há compromissos, não há responsabilidades, tudo vai se esvaindo, se perdendo como a água entre os dedos. Tudo passa a ser descartável! E a sociedade passa a viver na incerteza das situações e na precariedade das relações.

3 Possíveis crises e consequências para a sociedade da vida precária

O universo está sujeito a um número enorme de crises reais e uma delas é a crise da vida precária, a vida sem continuidade, causando insegurança na vida da humanidade. Essa crise de incertezas ganha o cenário mundial e provoca reações de preocupação na sociedade mais conscientizada. A análise de Zygmunt Bauman sobre as características da vida na sociedade, chamada por ele de *vida líquida*,⁴ que transforma em precária a vida, até então aparentemente segura, mostra que a diferença entre o sólido e o líquido, está no fato de ter o sólido a dimensão especial que neutraliza o impacto. O sólido mantém sua forma, o líquido por sua vez não

⁴ Vida líquida termo usado por Zygmunt Bauman para traduzir a ansiedade e a angústia da humanidade na atual condição sociocultural marcada pelas infinitas possibilidades e pela falta de solidez nas relações. Uma forma de vida sem compromisso, sem vínculos, sem laços e sem história.

mantém sua forma ficando propenso às mudanças: “A vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante.” (BAUMAN, 2005, p. 8).

Nessa situação de vazio existencial, nasce e cresce a sociedade de consumo, a individualidade ganha cada vez mais espaço e surge a chamada *cultura híbrida*⁵, onde o ser humano decide e escolhe de acordo com a sua afinidade e cria necessidades, na maioria das vezes ilusórias, formando assim o mercado de consumo. No processo sociocultural de hibridação, as estruturas e as práticas discretas, existentes de forma separada, passam a combinar para gerar novas estruturas.

Assim, a modernidade sólida, que oferece um leque de ideologias consistentes produzindo segurança existencial, objetivos a serem atingidos, perde espaço para a sociedade líquida que vem com falta de solidez, inconsequência das ações e irresponsabilidade dos atos. A sociedade anterior à *modernidade líquida*, chamada por Bauman de *modernidade sólida*⁶, também procurava negar a realidade existente e buscava alternativas de mudanças, porém, essas alternativas de mudanças mantinham a perspectiva de longa duração, eram realizadas com o máximo de solidez e por ser sólida essa sociedade conservava a capacidade de manter a forma.

Seria importante conseguir rápidas e urgentes respostas aos anseios da sociedade, decorrentes dessa análise, considerando a relevância, seriedade e profundidade da situação. Conforme palavras de Libânio: “Nessa sociedade de massas, debilitam-se as relações interpessoais e os valores fundantes comuns. As instituições aparelham-se para tratar com indivíduos em massa.” (LIBÂNIO, 2005, p. 126-127). O que precisaria acontecer, seria trabalhar para resgatar a dignidade e a felicidade que vem a partir da liberdade, em busca da sua identidade perdida

⁵ A cultura híbrida, a diferença e identidade, pressupõe paradoxos – nunca convergentes ou passíveis de interpretação – e que a liberdade almejada (indivíduo que escolhe, e é diferente, mesmo num mundo de opções reduzidas) impõe perda em relação à segurança.

⁶ A modernidade sólida, na época, tentava desmontar a realidade herdada e a modernidade líquida faz o mesmo, desmontando-a sem a perspectivas de longa duração. Na sociedade líquida, para não manter a forma, tudo é temporário, tudo muda antes que tenha tempo de se solidificar. Esta era se caracteriza por evitar que padrões de conduta se transformem em tradições.

através da massificação. Fazendo a reflexão de importantes assuntos, especialmente os que se referem mais à vida humana, e agindo conscientemente nesse sentido, poderão ser dados grandes passos na construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária.

Um dos aspectos decisivos nesse sentido seria o de buscar formas alternativas capazes de fazer frente aos domínios da massificação, procurando preservar a originalidade e a singularidade e provocando, ao mesmo tempo, uma exaltação da autenticidade, na luta contra o esvaziamento do verdadeiramente pessoal. Libertando o ser humano dos empecilhos no exercício de sua autonomia, consegue-se alcançar os objetivos propostos para uma sociedade mais solidária. Quando surgem as dificuldades na compreensão da própria identidade, corre-se o risco de voltar ao passado, buscando fundamentos para legitimá-la e assim se passa a avançar no dinamismo das mudanças temporais, respeitando as aspirações da origem.

Dentro dessa realidade, Leandro Rossa diz que o compromisso libertador é fundamentado na tensão utópica entendida como hipótese histórica fecunda que não está segura da possibilidade de realizar o que procura: “mas está segura sim de que este horizonte, este sonho, esta perspectiva é uma fonte de inspiração, constantemente renovada para buscar cominhos novos, para inventar formas de convivência humana mais fraterna e para estimular a imaginação criadora e a sensibilidade histórica.” (ROSSA, 1993, p.48). O desafio de assumir as consequências vividas por esta sociedade que se renova constantemente é um dos maiores vividos na história da humanidade.

Todos esses fatores interferem de alguma forma nos processos educativos, tornando essas ações merecedoras de reconhecimento quando realizadas na verdade, pois exigem do cidadão um comprometimento sério e desprendido de resultados satisfatórios, porque muitas vezes os resultados frustram os responsáveis por essas realizações. A educação e o desenvolvimento do ser

humano configuram a busca das pessoas e dos grupos, no sentido de descobrir sua identidade e a educação libertadora propicia o encontro da verdadeira identidade.

Por isso, é nesse processo libertador que o ser humano e os grupos vão se humanizando, se personalizando e crescendo no compromisso e na aquisição de meios para atuar na construção de uma sociedade justa, solidária e fraterna na sua essência. O ponto de referência da educação libertadora é a transformação do ser humano na busca da nova e verdadeira sociedade, permeada de valores evangélicos.

4 Alternativas viáveis para a ação libertadora na atualidade

Novos espaços e novas modalidades de conhecimento tornam-se necessários, a partir do surgimento das novidades na área da tecnologia da informação e da comunicação. A história da humanidade alcançou, nos tempos atuais, um dos graus de maior evolução com características inéditas. É esta a fase em que os aspectos cognitivos e de convivência se transformam com enorme rapidez. *Tecer conhecimentos em rede* nos contextos diários transformou-se em uma das melhores formas de transmitir, criar, reproduzir, explicar, entender e manifestar as relações e reações da humanidade.

Isto se dá graças à mediação das novas tecnologias e às oportunidades de incremento da sociabilidade. Conseqüentemente, surgem também novos riscos de desumanização e de discriminação, pois todos esses fatores interferem profundamente na ação social e educacional libertadora, intensificando a complexidade de cada situação. Conforme palavras de Assmann e Sung, essa realidade intensifica: “o pensamento complexo, interativo e transversal, criando novas chaves para a sensibilidade solidária no interior das próprias formas de conhecimento.” (ASSMANN; SUNG, 2000, p.269).

Com essa nova forma de entender o mundo, o que não se pode perder de vista são os valores humanos, a proposta do Evangelho de Jesus Cristo e seu projeto de vida e missão que leva em conta tão somente o resgate da dignidade de vida e vida em plenitude, o sonho de Deus para a humanidade. A solidariedade precisa ser colocada como uma das prioridades em todos os espaços educativos, a fim de que esse valor seja vivido na sua integridade e a exclusão social, aos poucos, possa ir perdendo forças na sociedade. Relevante também será elaborar linguagens sobre a dignidade humana, que sirvam para encaminhar consensos acerca de melhorias concretas na sociedade.

Nesse sentido, torna-se viável que um grande desejo de solidariedade passe a fazer parte da dinâmica do querer e do sonho das pessoas. A esperança e a sensibilidade solidária também precisam integrar as formas de educar, de aprender, de conhecer e de viver dos muitos grupos sociais. O modo de educar para a liberdade, a fraternidade e a solidariedade transformam o ser humano e assim transformam também a sociedade. Assmann e Sung escrevem que: “Se há uma palavra que resume os nossos pontos é a complexidade. A nossa educação, se queremos fomentar a sensibilidade solidária, deve trabalhar com um conhecimento pertinente, capaz de enfrentá-la.” (ASSMANN; SUNG, 2000, p. 162).

A emergência educativa destaca a dimensão ética e religiosa da cultura, objetivando ativar o dinamismo espiritual na confrontação com os valores absolutos, do sentido da vida. A caminhada libertadora traz consigo o compromisso com a verdade e a ação educativa quando parte e conduz a uma visão implícita e explícita de mundo, de pessoa, de sociedade e de história, coloca em evidência a centralidade da solidariedade entre os seres humanos. É esta centralidade, o condicionamento geral e o terreno comunitário da realização pessoal, que acontece através do resgate da dignidade, da ética e da responsabilidade.

A dimensão de responsabilidade abrange e condiciona de forma muito exigente a vida e ocupação das pessoas. Valores como liberdade e responsabilidade só se podem entender como compromisso e como risco. Nas palavras de Brighenti, a liberdade é o elemento essencial da identidade pessoal. Esta é irrepetível, única e possui característica de finalidade em si mesma, na unidade, integridade e identidade: “diferente de qualquer outro e incapaz de ser suprimido, com uma vocação e tarefa própria na história. Na pessoa, dá-se a conexão entre o universal e o particular, a unidade do universal e do infinito, constituindo-se na base de direitos inalienáveis e fundamento de sua dignidade.” (BRIGHENTI, 2006, p. 160).

A partir da década de 60, foram apresentadas inúmeras análises críticas da situação educacional, em cada uma das suas épocas, vindas sempre carregadas de preconceitos e com a orientação de manter as estruturas injustas. Nas palavras de Betinho, Herbert de Souza: “É fundamental perceber o conjunto de forças e problemas que estão por detrás dos acontecimentos. Tão importante quanto apreender o sentido de um acontecimento é perceber quais as forças, os movimentos, as contradições, as condições que a geraram.” (SOUZA, 2000, p. 14-15). Ao mesmo tempo em que havia a denúncia das injustiças, havia também o anúncio de alternativas para saná-las, dentro do possível e especialmente as situações de maior vulnerabilidade.

Surge então, com maior ênfase, a necessidade de uma educação que trate o educando como sujeito ativo, ciente de seu conhecimento e consciente da sua ação transformadora. Esta é a dinâmica de uma educação que liberta, tendo como objetivo conscientizar a comunidade sobre os problemas da desigualdade social, criar autonomia e buscar os meios de superação desses problemas, a fim de resgatar a importância, a razão e o significado da vida e da vida em fraternidade, despertando para a dimensão humana da fé. Assumir essa educação é assumir uma proposta pedagógica gerada nos valores evangélicos e geradora de valores de acordo com a proposta de Jesus Cristo.

A compreensão das exigências da educação libertadora vai se ampliando, na medida em que avança num processo de ação, com a reflexão voltada para a ação, assumindo todas as consequências da própria prática dessa ação libertadora e evangelizadora. Na verdade, é muito difícil conseguir o reconhecimento efetivo dessa prática sem as limitações. Portanto é importante enfatizar de todas as formas que este pode ser sim, um sonho, porém um sonho que pode ser realizado. O mais importante nessa caminhada é evitar a dicotomia entre o discurso e a prática efetiva da ação dignificante. Isto porque existe o risco de se manter uma imagem de justiça só no discurso, ficando esse discurso longe da prática. A educação como missão almeja o infinito potencial de expandir fronteiras e possibilidades, sendo seu desafio responder às grandezas potenciais, sem limites ou fronteiras.

Educar, em primeiro lugar, significa educar-se. Significa também criar condições de crescimento, desafiar as situações e provocar ações que propiciem a libertação e o desenvolvimento da consciência de dignidade humana existente em cada pessoa. O aspecto humanizador do ser humano é missão da educação que liberta. Buscar a própria identidade e apropriar-se de instrumentos de participação na sociedade, assumindo um compromisso social, comprometendo-se com o transcendente e com a proposta de vida que liberta. Trazer à tona sempre que possível essa realidade e lutar para que o resgate da dignidade humana aconteça é missão de todo educador cristão e direito de todo educando.

Na elaboração de uma análise sobre a dialética dos temas de identificação e de libertação, é importante distinguir e reforçar os enfoques dos dois temas, mesmo que pareçam totalmente indissociáveis. O fim a que se propõe a prática libertadora é a transformação social na linha da justiça e da participação. E essa libertação precisa acontecer junto com a descoberta da própria identidade. A pessoa se descobre com sua identidade, dentro da sua realidade, e assim busca a sua libertação dentro da sociedade.

Ao escrever sobre o caráter integrador e revolucionário da educação, Danilo Gandin afirma que: “Entende-se o caráter ao mesmo tempo integrador e revolucionário da educação quando se pensa dialeticamente o processo como resultado da identificação em contínuo conflito com a libertação.” (GANDIN, 1993, p. 52). As iniciativas eficazes para uma educação libertadora comportam os aspectos da sociedade atual, nas suas características massificantes e massificadoras, porém reúnem inúmeros benefícios quanto ao alcance de sua ação.

A busca importante nos processos pedagógicos estará sempre a serviço do ser, da pessoa, sujeito do seu próprio desenvolvimento, com todas as conseqüências pedagógicas e didáticas daí decorrentes. Buscar a própria identidade supõe um processo de conscientização que traz como resultado um contínuo conflito com a libertação. Gandin traduz muito bem essa dialética quando escreve: “Assim, o educar-se entende-se de maneira mais firme e profunda como o resultado da dialética entre o identificar-se e o libertar-se. É o crescer contínuo, cujo processo é constituído de momentos sequenciais e interligados de identificação e de libertação.” (GANDIN, 1993, p.52). Libertação e identificação não podem estar dissociados, pois quando isso acontece, o resultado é o enfraquecimento tanto de um aspecto quanto de outro. O cerne da educação libertadora é a busca da própria identidade, entendida como dimensão pessoal e social e ainda como processo de educação dos próprios grupos em que estão integradas as pessoas.

Portanto, na sociedade atual os pontos fortes e os pontos de limites necessitam somente estar direcionados de forma coerente para trabalhar no sentido do bem social. Conforme palavras de Freire: “Nesse sentido, a formação técnico-científica não é antagônica à formação humanista dos homens, desde que a ciência e a tecnologia, na sociedade revolucionária, devem estar a serviço de sua libertação permanente de sua humanização.” (FREIRE, 2005, p. 181). Sendo o ser humano sujeito do seu próprio desenvolvimento, na educação libertadora busca-se

a transformação social rumo à justiça, pela dinâmica da participação em todos os bens humanos.

A atual realidade social, marcada pela fragmentação das relações interpessoais, desafia educadores e famílias a exercerem sua função sendo presença, pois a convivem com o desejo de proximidade e sentimentos nobres, que estão além de si mesmos e simultaneamente convivem com a *descartabilidade*⁷ que gera o vazio existencial e cristaliza atitudes de fechamento. Quando a tecnologia tende a abafar e sufocar os sentidos e a abertura nas relações interpessoais, chega o momento de tomar as rédeas da vida e olhá-la por outro viés, pois “com essa visão começamos a ver o mundo de forma que possamos encontrar justificativas para nossos atos e temos uma leitura da realidade que é distorcida e termina por afetar toda a nossa vida, incluindo nossas relações pessoais.” (SCHMITD, 2012, p. 86).

As alternativas viáveis para as ações libertadoras nascem e crescem a partir da percepção da realidade e ganham espaço na conscientização, na identificação e na relação com o outro e com o universo. Segundo escreve Speyer: “Constatamos, pois que um sistema educacional que mantenha íntimas relações com a cultura estará inserido não só na comunidade local como também na comunidade humana maior.” (SPEYER, 1983, p. 83). A educação libertadora procura ter sempre presente essa exigência desafiadora, que mantém o ser humano na sua consciência, na sua dignidade e na sua liberdade.

Com o advento das novas tecnologias, a educação enfrenta o grande desafio de assumir uma postura adequada diante de cada situação, pois as ações na medida certa é que poderão trazer os frutos desejados. Na educação cristã, o conceito de desenvolvimento sustentável é inseparável do desenvolvimento humanista. É próprio do ser humano, pela sua centralidade, ser ele mesmo a finalidade de todo esforço educativo. A sustentabilidade é um dos meios de

⁷ A descartabilidade é uma das características preocupantes da sociedade midiática e tecnológica, que não consegue aprofundar as relações com o universo trazendo como consequência o vazio existencial.

realização humana. Quanto mais próximas estiverem as realidades da sociedade, mais perto estará de realizar-se o projeto de Jesus Cristo para a humanidade.

A dimensão de identidade, dimensão que é possível a partir da unidade consigo, da autenticidade e da integridade dentro da liberdade e muito especialmente a dimensão de transcendência, experiência que une a criatura ao Criador, são o objeto e o objetivo da educação libertadora. A dimensão comunitária na qual há a participação e vivência da fraternidade e da justiça traz em si o caminho para a efetiva ação de libertação. A dimensão ecológica que integra os seres com a natureza, com o cosmos, a dimensão artística que leva à admiração da beleza em todas as suas manifestações e a criação de obras que preenchem a profunda necessidade de expressão humana, revelam as potencialidades do ser humano na missão de resgatar a sua dignidade.

Embora os recursos tecnológicos propiciem quase tudo para os espaços educacionais, os diversos aspectos da realidade física e social ainda não podem substituir a vivência, a experiência com a natureza e a sociedade em toda a sua complexidade. Tudo está conectado com tudo e tudo está interligado, mas se não houver a relação ética e sadia entre os seres humanos não haverá desenvolvimento sustentável. A educação libertadora quer antecipar a nova sociedade, fazendo com que o ser humano seja o protagonista da própria história. A intencionalidade na educação passa a ser um dos pontos fundamentais para se alcançar os objetivos propostos e na relação de liberdade buscar a verdadeira fraternidade.

O desafio educacional busca discernimento constante sobre o que nos processos educativos contribui para a humanização, para em seguida assumir posições coerentes com as exigências do Evangelho de Jesus Cristo, comprometendo-se com a transformação social e sendo elemento de articulação com os diversos setores da sociedade. Gandin escreve que: “A escola pode, nesta perspectiva, envolver-se na luta social de transformação, junto com todos os setores da atividade humana que o estão fazendo.” (GANDIN, 1993, p. 58). É

necessário partir do que existe, questionando, sendo radical na tranqüilidade e apresentando as novas possibilidades, sobretudo as que já fazem parte da vida, pois é assim que se busca a própria identidade na liberdade.

A caminhada e os esforços empreendidos nesse sentido evidenciam que o ideal de transformação permanece vivo e que o sonho de uma sociedade justa e democrática é possível, desde que buscada com afinco e diligentemente. Vivendo um momento caracterizado com o aparente fim das utopias e esperanças, é neste contexto que a educação libertadora atesta, de forma surpreendente, a existência de um leque de alternativas viáveis, no meio social e educacional.

Este artigo quer contribuir com esta caminhada de esperanças e sonhos de ver a educação e a sociedade no patamar que merecem, acreditando que a dinâmica da educação libertadora é a que mais se aproxima desse ideal. Portanto uma das missões da comunidade é, juntamente com a evolução tecnológica, primar por uma educação que resgate os valores fundamentais da vida humana e criar ambiente propício onde a solidariedade possa ser vivenciada e a justiça seja buscada. A esperança seja preservada e seja projetado um Brasil socialmente justo, culturalmente plural, politicamente democrático e ético, espiritualmente aberto ao transcendente e às dimensões da dignidade, da fraternidade e do respeito a todo o ser humano.

Considerações Finais

Ao final destas reflexões, estão em evidência inúmeras inquietações vindas de dentro da sociedade moderna, altamente competitiva e com todas as condições de se perder na caminhada se não for conduzida adequadamente. O ser humano pode construir livremente o seu destino, em todos os aspectos de sua existência. Na transcendência, na vida solidária e no processo educacional o ser humano está constantemente firmando os alicerces para a sua vida.

As manifestações humanas, tanto explícitas quanto implícitas continuam aguardando respostas para os problemas mais complexos e urgentes, que tratam das exigências concretas de sua subsistência física. Mas, simultaneamente continuam inquietando e angustiando a consciência humana, os mistérios deste extraordinário universo. A tecnologia moderna, os progressos da informática e da ciência, em pouco tempo, abriram perspectivas para um estilo novo de relacionamento entre as pessoas do planeta inteiro, muitas vezes superficial, pela influência midiática e também pela rapidez e amplitude de informações disponíveis a todo o instante.

E como fica a resposta ao amor infinito de Deus para com a humanidade? Essa resposta manifesta-se pela busca de dignidade, pelo exercício da liberdade iluminada pela inteligência e no indispensável convívio com os semelhantes. Nesse sentido, a educação é considerada um dos principais meios de transformação e libertação e a transformação é o elemento chave da educação que tem como objetivo libertar e transformar. A grande missão educacional libertadora é promover a solidariedade, lutar pela transformação social, criar condições para a conscientização e assim contribuir com o projeto de vida digna que Jesus Cristo veio trazer para a humanidade.

O saber progressivamente acumulado com o passar do tempo na história necessita ser dinamizado, pois o repertório cultural, científico e tecnológico da experiência humana são os fundamentos das conquistas futuras. O processo social da humanidade amplia-se com a complexidade das sociedades permitindo uma constante formação, especialização e aumento da produtividade, na sociedade atual, cada vez mais exigente e diversificada. O saber se concretiza em técnicas que conduzem a uma maior contribuição a partir de atividades múltiplas, na produção comum e no sustento das inúmeras aspirações da sociedade.

Todas as manifestações correm o mundo, com os recursos das novas tecnologias. As formas de convivência e de relações entre as pessoas são testadas e

não existe mais distância que não possa ser alcançada pela ciência e a tecnologia. Situando as questões educacionais num panorama amplo e futurista, pela análise do que se passa no mundo, os esforços de todas as áreas da sociedade se concentram na busca de alternativas viáveis para o sucesso da era tecnológica. São tecnologias que possibilitam mudança de vida para a população e transformam a vida e a sociedade. Especialmente a internet, as comunicações e atualizações em ritmo frenético, que dependendo da consciência do cidadão poderão isolá-lo, pois com esses avanços a humanidade tende a perder-se no individualismo, desvalorizando a convivência e tendo dificuldades de viver a solidariedade, priorizando o tecnológico em detrimento do humano.

É necessário estar consciente de que somente com uma relação solidária e autêntica a humanidade poderá sobreviver com dignidade e paz. A ética, a fraternidade, o respeito pelo ser humano e a paz entre as nações só se alcançam através do diálogo. O diálogo precisa ser cultivado, como forma de resolver os impasses criados na convivência humana.

Os posicionamentos diferenciados que a sociedade atual exige em relação a todos os aspectos, especialmente aos aspectos educacionais, são proporcionados pela ênfase na ética humana, nas condições de relacionamento pessoal, na solidariedade, na fraternidade e na busca de vida digna para toda a humanidade. A sociedade precisa reaprender a se relacionar com segurança, abertura e autenticidade buscando o ideal de vida que Cristo veio trazer ao mundo.

Um dos aspectos de grande relevância, principalmente para a pastoral da evangelização, é o compromisso com os que vivem em situação de maior vulnerabilidade social. Devido à diversidade cultural existente em todos os ambientes, as respostas às exigências pastorais se tornam um grande desafio, pelo compromisso com estas situações específicas, sendo necessário abrir-se aos valores das culturas oprimidas e defrontar-se cada vez mais com os desafios da evangelização da cultura moderna.

O pluralismo cultural, vivido dentro da sociedade, exige respostas pastorais diversificadas. As considerações sobre o papel da educação contemporânea são realmente necessárias, a fim de identificar o processo educacional de libertação, como instrumento essencial de transformação das realidades sociais e, como consequência, torná-la imprescindível para o processo libertador e emancipador.

É importante visualizar que todas as questões trazidas pelos avanços científicos e tecnológicos, a questão das mudanças na vida desta sociedade e todas as outras questões da humanidade, mostram que há muitos motivos para redefinirmos o papel da educação libertadora. No contexto da sociedade atual a educação libertadora tem a missão de construir relações sólidas e solidárias entre os seres humanos, a fim de resgatar a sua dignidade, promovendo a fraternidade.

REFERÊNCIAS

- ANTONCICH, Ricardo. SANS, José Miguel M. **Ensino Social da Igreja: a Igreja, sacramento de libertação**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- ANTONCICH, Ricardo. **Direção dos exercícios: uma resposta aos problemas do nosso meio latino-americano**. São Paulo: Loyola, 1982.
- ASSMANN, Hugo. SUNG, Jung Mo. **Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **O desencontro entre a AEC e as escolas católicas: uma análise da proposta pedagógica e projeto histórico da associação de educação católica do Brasil**. Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião da PUC/SP: São Paulo, 2005.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar – Ética do humano- Compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BRIGHENTI, Agenor. **A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- COMBLIN, José. **Os desafios da cidade no século XXI**, São Paulo: Paulus, 2002.

DALLARI, Dalmo. O educador e o compromisso sócio-político. **Cadernos da AEC do Brasil**. v. XIII, n. 41, p. 73-84, julho de 89. Brasília: AEC Brasil, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GANDIN, Danilo. A dialética identificação-libertação. **Revista de Educação da AEC**. Ano 22, n. 87, p. 50-58, abr/jun. Brasília: AEC do Brasil, 1993.

LIBANIO, João Batista. **Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação**. São Paulo: Paulinas, 2003.

LIBANIO, João Batista. **Tologia da revelação a partir da modernidade**. São Paulo: Loyola, 2005.

OLIVEIRA, Manfredo A. de. Escola e sociedade: a questão de fundo de uma educação libertadora. **Revista de educação AEC**. Ano 18, n. 71, p. 15-27, jan/mar. Brasília: AEC do Brasil, 1989.

ROSSA, Leandro. **AEC do Brasil – 60 anos. Uma Presença Católica na Educação Brasileira**. Edição comemorativa, v. I, n. 01, p. 18. Brasília: AEC, 2005.

ROSSA, Leandro. Educação libertadora e planejamento participativo. **Revista de Educação da AEC**. Ano 22, n. 87, p. 34-48, abr/jun. Brasília: AEC do Brasil, 1993.

SCHMIDT, Maria do Carmo. **Desenvolvimento pessoal e profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2012.

SOUZA, Herbert José de. Betinho. **Como se faz análise de conjuntura**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPEYER, Anne Marie. **Educação e campesinato: uma educação para o homem do meio rural**. São Paulo: Loyola, 1983.

SUESS, Paulo. **Introdução à teologia da missão**. convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino. Petrópolis: Vozes, 2007.